

ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO “TANGERINE GIRL” DE RACHEL DE QUEIROZ

Autores:

Ana Paula Jerônimo Batista

Maria Donizete Souza Silva

Shirley Lima de Souza

Através da literatura tentamos apreender e compreender de forma sucinta o que gira em torno do mundo fictício, imaginário. É dentro da perspectiva de alcançar esses elementos, que nos deixamos embelezar pela fantasia textual, e a partir destes estudos intrínsecos buscar a essência da arte da verossimilhança.

Utilizou-se como objeto de análise neste artigo o conto “*Tangerine girl*” de Rachel de Queiroz, que foi uma das grandes escritoras responsáveis pelas marcantes conquistas para a emancipação da mulher na Literatura Brasileira.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza-CE, no dia 17 de novembro de 1910. Aos cinco anos, ainda pequena, despertou o interesse pela literatura, lendo obras de escritores de renome como José Alencar. Aos dezenove anos, deu início à sua produção literária com a estréia do livro “*O quinze*”. Rachel de Queiroz teve uma extensa produção literária abrangendo desde romances a contos. Marcou um fato importante dentro da literatura brasileira bem como na classe feminina, no momento em que foi eleita para a Academia Brasileira de Letras.

Embora tivesse a arte literária em punhos, Rachel afirmava que a praticava apenas para o sustento e não por gosto, todavia, se tornou um dos ícones da literatura brasileira feminina.

O conto *Tangerine Girl* relata a estória de uma moça que morava numa casa a poucos metros da base aérea dos soldados americanos e do poste de amarração dos dirigíveis. Certa vez, essa moça ao terminar de tomar café, foi até o quintal para jogar as migalhas de pão que ficaram na toalha. De forma puramente ocasional, ocorreu o seu primeiro contato com a tripulação do dirigível, o soldado que nunca havia visto a doce moça e que por inúmeras vezes havia sobrevoado aquele local, viu entre os laranjais aquele pano branco a tremular e entendeu que a menina estava a acenar para o mesmo. O soldado sentiu-se atraído pela menina que deveras acreditava ser uma bela moça, embora o sol lhe tirasse as fulgurações de fogo do cabelo e a silhueta esguia se recortasse claramente no fundo verde-e-areia. Encantado com aquele momento, o soldado pôs-se a sacudir da janela do dirigível e a gritar amigo, amigo, embora soubesse que o vento e a distância não permitisse que a moça o escutasse. Pensou em atirar-lhe uma flor, algo que fosse importante, mas apenas achou uma caneca de louça com as iniciais do dirigível e a fez cair de forma delicada para que esta não se destruísse com o impacto. A menina que sacudia a toalha ao ouvir o motor do blimp, viu os braços do rapaz se agitarem e em seguida alguma coisa branca fender ao ar e cair na areia. Teve um susto, pensou ser uma brincadeira, mas quando viu a caneca intacta ao chão foi ao encontro da mesma, viu as mesmas iniciais do blimp, ficou emocionada ao ver a aeronave fazer mais duas voltas, ambos acreditavam que deixavam saudades. E assim sucederam-se as manhãs, o blimp passava e a

menina o esperava, e todos os dias eram atirados presentes, mas o que marcara a menina foi àquela caneca na qual foi motivo de zombaria pelos irmãos. A menina passou a ter interesse pelo estudo da língua estrangeira e sonhava com o rosto de como seria o seu admirador. No entanto, nunca ocorreu à mesma que não pudesse ser sempre o mesmo marinheiro. E realmente era o que acontecia, os tripulantes revezavam-se diariamente. Colocaram-lhe o apelido de Tangerine-Girl, talvez porque sempre estava entre os laranjais ou porque era o modelo do que deveria ser moças morenas da América do Sul.

Certo dia, ocorreu-lhes de enviar-lhe um bilhete, no qual marcavam um encontro. A menina preparou-se com carinho para encontrá-los. Para sua surpresa, ao invés de vir um marinheiro, surgia na estrada um grupo deles alegres e em algazarra. A menina ficou assustada, os marinheiros a cercaram e puseram-se a falar. A moça, decepcionada com o que acabara de presenciar, fugiu da presença deles e trancou-se no quarto a chorar. Nunca mais a viram no laranjal, embora jogassem os presentes, estes ficavam ao relento quando não eram apanhados pelos moleques do sítio.

Inicialmente, é importante termos bem claro o que vem a ser Gênero e de como resultou todo esse processo. A questão de Gênero vem desde o início da vida, no qual vemos que as crianças nascem fêmeas ou machos, mas conforme a educação e a disciplina que recebem vão sendo esculpidas de acordo com o que a sociedade lhes impõe.

O Gênero, enquanto categoria analítica, busca enfatizar as questões acerca da diferença social, ética, identidade e outros, entre homens e mulheres, tentando desmistificar os paradigmas que foram criados pelo próprio homem.

Essa divisão, entre o que é admissível ao homem e o que é permitido a mulher, existe desde a Antiguidade, na qual já havia delimitações de afazeres e conseqüentemente a mulher era sempre posta em escanteio. A figura masculina sempre foi vista como superior e melhor diante da mulher, conseqüentemente esta estava condicionada a submissão e a servidão do lar. Segundo Taciana Gouveia e Silva Camurça, no livro *O que é Gênero*, afirma que “as normas de gênero produzem para as mulheres poucas esperanças e possibilidades, por exemplo, ter no casamento um destino. Mesmo com todas as mudanças, o casamento e a maternidade ainda são dominantes na vida das mulheres”.(GOUVEIA e CAMURÇA, 2000, p.17)

Dentro da literatura, também assimilamos casos de subdivisão, as personagens masculinas sempre tiveram destaque dentro das grandes obras, e quando a mulher, por pouquíssimas vezes alcançava este papel era para representar algo inferior ou desvalorizado. A figura feminina no início do século ainda era vista apenas como um objeto de manuseio que servia apenas para determinadas situações em que o homem sempre estava no alto da situação. Em tese, a mulher servia apenas para demarcar espaço.

A questão de Gênero permeia dentro da literatura demarcando a idéia do que é ser um homem e do que é ser uma mulher. Na maioria das vezes, o que é ser masculino tem mais valor, por ter mais poder, autoridade e prestígio dentro da sociedade. Mas independente de valores impostos, são as características que trazemos como bagagem que permitem retratarmos nossa identidade e nossa potencialidade.

No conto *Tangerine Girl*, nota-se desde as primeiras falas e até mesmo nas entrelinhas do texto, a questão do trabalho e como este está associado ao homem e à mulher. A menina tem seu papel narrado dentro da esfera familiar, nas ocupações do lar e de certa forma na dependência, enquanto o homem é visto como o alicerce de sustento, a base de referência dentro da sociedade. Pode-se ainda falar que dentro da literatura como um todo as personagens estão divididas em duas classes: as mulheres mães de família, donas do lar, as esposas pacientes e até mesmo aquelas de vida promiscua; e do outro lado os homens médicos, advogados e bem sucedidos dentro da esfera social, há nesse contexto uma separação de mundos.

Observa-se ainda no conto analisado a questão do sentimentalismo, a moça acreditava num amor verdadeiro e recíproco deslumbrada com toda aquela situação, enquanto o marinheiro buscava aventuras, pois estes estavam acostumados com as moças fáceis que os procuravam nas bases e esta diversão era apenas uma válvula de escape para superar a solidão e a distância “...*ela, pequena, medrosa, lá embaixo, vendo-o passar com os olhos fascinados*” (Conto *Tangerine Girl*). Essa é uma questão que é notável até os dias atuais, a mocinha sempre em busca de seu príncipe e o suposto “príncipe” apenas quer aproveitar as oportunidades e aventurar-se em novas emoções que para ele nada representam.

Rachel de Queiroz busca enfatizar estas questões de Gênero com o intuito de despertar no leitor uma nova visão acerca da figura feminina dentro da literatura brasileira. O conto “*Tangerine Girl*” foi apenas um dos grandes pontapés para a discussão de como a sociedade tem visto o papel da figura feminina e de como ela deve ser encarada a partir de então. Diferente dos contos românticos, este, mostra a realidade como ela é. Não com grandes príncipes que resgatam princesas, mas como homens que possuem defeitos e falhas, frutos de uma sociedade não igualitária.